humanitas

73

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

Certamente os problemas abordados por cada um dos autores mencionados e a riqueza com que são analisados e discutidos excedem em muito os aspectos aqui pontuados. Com abordagens de diferentes quilates e atendendo a gostos temáticos variados, o livro vale ser saboreado do início ao fim. Ficamos então na expectativa dos próximos.

Anny Jackeline Torres Silveira
Universidade Federal de Ouro Preto
anejack@terra.com.br
https://orcid.org/0000-0003-2324-8810
https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_13

RODRIGUES JUNIOR, F.; Battistin Sebastiani, Br.; Costa e Silva, B., (Orgs.), *Estudos de Poesia e Prosa Helenística,* São Paulo, *Humanitas*, 2017, 202 pp. ISBN: 978-85-7732-342-5

Recensão submetida a 25/06/2018 e aprovada a 12/09/2018

Os estudos reunidos nesta colectânea, em número de sete, correspondem a um conjunto de conferências proferidas no âmbito da Quarta Semana de Estudos sobre o Período Helenístico, que decorreu na Universidade de São Paulo nos dias 17-18 de Setembro de 2015. Como se diz no Prefácio, trata-se de artigos relacionados com "aspectos da literatura helenística e sua influência na produção literária posterior, abrangendo variados assuntos tais como épica, historiografia, mimo, teatro, biografia e filosofia". Os Organizadores do volume, que também participam na qualidade de autores, são especialistas nesta área de estudos e, com esta iniciativa, têm em mente contribuir para a divulgação de temas porventura menos conhecidos da Antiguidade Clássica.

Os títulos dos artigos são desde já significativos de um olhar novo e diferente da literatura helenística. Martine Cuypers, A. do primeiro artigo, intitulado "The Story of Amycus in Apollonius of Rhodes, *Argonautica* 2.1-177: Narrative, Intertextuality and Intratextuality", tem larga experiência no domínio da Literatura Helenística, tendo mesmo editado, juntamente com James J. Clauss, a obra fundamental *A Companion to Hellenistic Literature*, um volume de 576 pp., saído em 2010. No seu artigo, ao comentar em pormenor o primeiro episódio do livro II da *Argonáutica*, que descreve a luta de pugilato entre Amicus, rei dos Bébrices, e um dos Argonautas, a

A. mostra como este episódio revela em Apolónio de Rodes um leitor arguto dos poemas homéricos, sugerindo semelhanças e paralelismos que só um leitor culto consegue apreender. Como vem referido na p. 26, o artigo procurou evidenciar "the dense and highly complex web of associations and connections that unifies the Argonautica above and beyond its episodic plot".

Convém ter presente, no entanto, que esta é uma característica da poesia helenística, que lê atentamente e renova e burila a herança literária deixada pelos poetas e prosadores da sua própria Antiguidade. Essa herança não se deu apenas desde os tempos clássicos até aos nossos dias. Ela verificou-se também no decurso da própria Antiguidade, nomeadamente na época helenística, que não só retomou e desenvolveu temas antigos, dando-lhe novas roupagens, como criou outros. Tal é o que podemos ver com a leitura do segundo artigo, da autoria de Fernando Rodrigues Junior, intitulado "A *Hécale* de Calímaco: uma Nova Abordagem à Poesia Épica". Este artigo, nas suas vinte e cinco páginas, documenta em pormenor como a poesia helenística privilegiou a pequena e concentrada dimensão do poema épico, fazendo dele um epílio que desenvolve certos tópicos escassamente tratados pela tradição e deixa de parte muitos outros. Além disso, o artigo assenta na análise minuciosa de vários passos da *Hécale*, que chegou até nós em estado fragmentário, o que dificulta a tarefa de Fernando Júnior, que no entanto dá mostras de grande acribia na exposição do seu pensamento, ao fazer uma análise fina de certos passos e termos do poema, e ao apresentar inesperados influxos homéricos no poema de Calímaco.

O artigo "A figura de Sócrates nas 'Vidas' de Diógenes Laércio (c. 225-250 d.C.)", de Daniel R. N. Lopes, autor de estudos e traduções de obras de Platão, consiste numa análise das características das biografias de homens ilustres como Sócrates, mediante o carácter algo anedótico da biografia da autoria de Diógenes Laércio. No desenvolvimento deste artigo, assente na análise de catorze passos (texto grego e tradução) extraídos de várias vidas e em especial da biografia do filósofo, uma breve introdução mostra como se entrelaçam, na obra "híbrida" de Diógenes Laércio, elementos de géneros literários diversificados, "já bem estabelecidos nos períodos helenístico e imperial", como os apontados por Daniel Lopes (pp. 64-66): doxografia, biografia, literatura sobre escolas ou seitas filosóficas, literatura sobre as sucessões dos filósofos em suas respectivas escolas, colecção de máximas, apotegmas, anedotas, máximas ilustradas por anedotas (crias) e breves sinopses e introduções, além de extractos de cartas, de epigramas, de citações poéticas e de inscrições. O autor do artigo não se

revela particularmente interessado na figura histórica de Sócrates, difícil de fazer com base em fontes tão diversificadas. Prefere analisar a forma como Diógenes Laércio o representou.

Sidney Calheiros de Lima é o autor do artigo "Dogmatismo filosófico e tirania em Cícero: reflexões sobre política e filosofia em textos de 45 a.C.", de 34 páginas. Nele aborda o posicionamento filosófico e político do Arpinate no terrível ano de 45 a.C., que assistiu à morte da sua filha, que provocou nele uma insuportável *aegritudo magna* (*De natura deorum* 1.9), e à nomeação de Júlio César como ditador por dez anos, o que o afastou irremediavelmente da vida política activa. Foi exactamente durante estes anos que vieram a lume as mais importantes e "densas" obras de Cícero no âmbito da filosofia e da retórica, sempre atentas às circunstâncias políticas do momento, em virtude de, como afirma o próprio Arpinate, serem fruto de um forçado tempo de *otium*, isto é de indesejada e quase doentia inactividade política (nas suas palavras: *nam cum otium langueremus*, op. cit. 1.7). Com esse objectivo, o A. do artigo analisa em pormenor parte do preâmbulo do *De natura deorum* (1.6-10), no âmbito das implicações e sugestões filosóficas e retóricas, e partes dos livros II e III do *De finibus*, a respeito do dogmatismo da filosofia de Epicuro e do posicionamento de Cícero na filosofia de Nova Academia.

Segue-se (pp. 133-156) o artigo de Breno Battistin Sebastiani, "Enformação do devir nas *Histórias* de Políbio", no qual são analisados passos (1.14 e 1.15) da obra deste historiador grego do século II a.C., e ex-combatente exilado, que insistem sobre os pressupostos historiográficos do historiador e a necessidade de convergência de experiência pessoal e conhecimento histórico, a fim de tornar útil, pragmático, o ofício da história, entendida como mestra da vida. Além disso, para Políbio importa distinguir entre a parcialidade de juízos, condenável, e a capacidade de elogiar ou criticar o outro, independentemente da amizade ou preferência que se possa ter por um ou por outro. A experiência pessoal e o conhecimento dos factos passados permitirão ao historiador preservar a sua independência crítica. Denunciando a parcialidade de certos historiadores, para quem os Cartagineses sempre agiram mal, e os Romanos sempre agiram bem, Políbio preocupa-se, no fundo, com o problema da verdade histórica e da sua relação com a percepção do historiador.

Olivier Devillers, da Universidade Bordeaux-Montaigne, apresenta-se com o artigo "Comparer Dion Cassius avec Tacite. Remarques générales et analyse d'un récit particulier (révolte des légions de Pannonie, D.C. 57.4)".

Este título é suficientemente explícito. Nele, o A. escolheu confrontar os sete livros que Díon Cássio consagra à dinastia júlio-claudiana com os dezoito livros que Tácito dedica à mesma dinastia, o que implica, no primeiro, uma forte redução da matéria e no segundo a possibilidade de enriquecer o texto com alguns discursos e outras elaborações a partir de uma fonte provavelmente comum. Este confronto vai ser desenvolvido tomando em consideração três factores – a saber, a dimensão do enunciado, a composição do texto e a ideologia que lhe está subjacente –, aplicados a um episódio narrado por ambos os historiadores. Do confronto, analisado em pormenor, ressalta a ideia de que a estabilidade do Império depende, em Tácito, da acção dos senadores e, em Díon, da acção e das reivindicações do exército.

Da autoria de Bárbara da Costa e Silva, que tem responsabilidades na organização do volume, é o artigo "*Medicus dorice loquens*: paródia dialectal e a representação do falso médico em *Aspis* (vv. 439-464) de Menandro". Esta peça, até há pouco mal conhecida, tem a complexidade de enredo característica da chamada *Néa*, a Comédia Nova, de que Menandro é o principal expoente. A fim de desenredar essa complexidade, a bem de um final feliz obrigatório, o escravo "sabichão", de nome Davo, arquitecta um estratagema no qual intervém um falso médico que fala um dialecto que não é o ático e assim se distingue das restantes personagens. Diga-se que o recurso a esta forma de variação linguística, que procura o chamado "realismo cómico", não é novo e está já presente na *Archaia* (Comédia Antiga), de que nos chegaram as peças de Aristófanes. Para isto chama a atenção a A., que se revela bem documentada na distinção que estabelece entre o realismo cómico, presente em algumas peças de Aristófanes que recorrem ao dialecto dórico e a outros afins, e a paródia dialectal da peça de Menandro em análise (a peça *Aspis*), que tem como objectivo essencial (não único) sublinhar o carácter impostor e falso da personagem do médico. Neste artigo, é de sublinhar o modo acurado como a A. comenta as características do dialecto grego do passo em questão, tanto mais que o carácter fragmentário do passo analisado e as sucessivas intervenções de editores ou as transcrições erradas dos escribas dificultam qualquer segurança na apreciação dos eventuais doricismos.

A concluir: não sairá defraudado quem leia ou consulte este livro de 202 páginas.

Na sua diversidade, o presente conjunto de estudos sobre alguns aspectos da literatura helenística permite-nos revisitar autores e textos perspectivados por um prisma comum, o da época helenística, embora uns propendam para considerações de teor retórico-literário, outros incidam sobre questões ligadas

à historiografia, outros sobre a interdependência entre política e filosofia, e outros ainda privilegiem considerações de ordem linguística. Uma tal diversidade de perspectivas, circunscrita a uma época de grande abertura política, social, e artística, permite igualmente actualizar e enriquecer uma bibliografia que não pára de crescer (como é de regra, cada artigo, excepto um, encerra com referências bibliográficas).

E, por último, agrada constatar e apreciar – mas sem sombra de sobrancerias ou complexos eurocêntricos – como o Mundo Clássico, com particular incidência no mundo grego, mas igualmente no romano, tem tantos e tão dedicados cultores no chamado Novo Mundo.

Virgínia Soares Pereira
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
virginia.soarespereira@gmail.com
http://orcid.org/0000-0001-6031-0527
https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_14

SEBASTIANI, Breno B., *Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2017, 215 pp. ISBN: 978-989-26-1470-0

Recensão submetida a 03/04/2018 e aprovada a 05/07/2018

Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides, da autoria de Breno Battistin Sebastiani, professor de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, e especialista em historiografia grega antiga, resulta da reunião de oito textos, dos quais seis foram originalmente publicados como artigos ou capítulos de livros.

Como o próprio título anuncia, a obra tem por eixo a receção de Tucídides e Políbio, estabelecendo nexos comparativos intra, inter e transnarrativos entre a sua condição de fracassados *apostretegoi* (exilados de guerra) e a sua atividade como historiadores, reveladora de espíritos dialéticos e abertos. Por conseguinte, "receção mediadora e comparativa" é o que melhor define e sistematiza o trabalho de Breno Sebastiani no conjunto dos oito estudos. Simultaneamente, "a vida mestra da história" (inversão do famoso apotegma ciceroniano *historia magistra uitae*), admitido como repto exploratório, permite especular sobre o modo como o fracasso